



Ana Cesaltina Barbosa Marques¹

Idilva Maria Pires Germano²

O Brasil reconhece vergonhosos 4,4 milhões de casos de agressão física contra a mulher (FBSP, 2016) e mais de um milhão de processos judiciais contabilizados em 2016, que abrangem todos os matizes de violência, incluindo 13,5 mil casos de feminicídio (CNJ, 2017). Esse quadro, lembremos, após onze anos de promulgação da Lei Maria da Penha. É, portanto, com satisfação que aclamamos a oportuna edição em língua portuguesa do livro da historiadora e feminista estadunidense Rebecca Solnit, *A mãe de todas as perguntas*, com tradução da também historiadora Denise Bottmann (Companhia das Letras, 2017). A obra reúne ensaios escritos por Solnit publicados em veículos diversos, tais como *Harper's Magazine*, o jornal *The Guardian* e *Literary Hub*. Esse título completa uma trilogia iniciada com *Hope in the dark*, publicado em 2004 pela Nation Books e ainda sem tradução brasileira, seguido de *Os homens explicam tudo para mim*, também recém lançado em língua portuguesa pela Editora Cultrix.

A mãe de todas as perguntas é título do ensaio que abre o livro homônimo. O texto discute narrativas dominantes que tendem a submeter as mulheres às eternas expectativas de casamento e maternidade, independente da pluralidade de suas trajetórias e experiências. Solnit relembra que homens e mulheres costumam compreender a felicidade feminina como atrelada a ter e criar filhos, isso mesmo quando se trata de profissionais que optam por dedicar-se integralmente às suas carreiras. Em tom desafiador e pessoal, a autora questiona os pressupostos naturalizados de que as atividades reprodutivas de uma mulher sejam “um assunto público” (p. 15), inclusive motivando perguntas impertinentes.

De modo bem-humorado e com base em episódios vívidos, a autora ilustra os imperativos reprodutivos subjacentes a certas perguntas frequentemente endereçadas às mulheres. “Por que Virginia Woolf não teve filhos?” foi uma dessas perguntas incômodas que fizeram a Solnit num evento em que ela apresentara a complexa obra da escritora britânica. Essa mesma pergunta foi direcionada à vida da própria Solnit por um entrevistador numa ocasião de lançamento de um livro seu sobre política. Passeando por esses episódios, o ensaio evoca ironicamente tanto o “dever” imperioso da maternidade – a “mãe implícita” na vida das mulheres – quanto a questão mais central da sociedade ocidental contemporânea: “eu sou feliz?”. Esse ensaio serve como um fio condutor dos temas explorados nos textos seguintes, que se agrupam em duas partes.

A Parte I, *Rompeu-se o silêncio*, reúne cinco ensaios, incluindo o mais longo e denso, *Uma breve história do silêncio*, que examina as transformações recentes nos hábitos de mulheres vitimizadas por práticas sexistas. No contexto norte-americano (mas também no Brasil e noutros países), as mulheres vêm crescentemente rompendo as formas de silenciamento tradicionalmente impostas pela ordem patriarcal e finalmente revelando suas histórias de opressão, ponto de partida da luta por seus direitos e da resistência coletiva contra o machismo.

Debruçando-se sobre o silenciamento feminino, a autora aponta causas e consequências e indica inúmeras razões e meios para rompe-lo. “As palavras nos unem e o silêncio nos separa, priva-nos da ajuda, da solidariedade ou da simples comunhão que a fala pode solicitar ou provocar” (p.28), lembra-nos Solnit.

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. Email: anacesaltina@gmail.com

² Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. Email: idilvapg@gmail.com

Casos célebres e anônimos que retratam a quebra do silenciamento feminino – tendo como agentes desse enfrentamento mais frequentemente mulheres, mas também homens, como conta o ensaio *Feminismo: Chegam os homens* (p. 103) - apontam marcos importantes para o movimento feminista, como a criação do termo assédio sexual (sexual harassment). A expressão foi cunhada por Mary Rowe, em 1974, para descrever experiências vivenciadas por mulheres no ambiente profissional do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Desse maneira, Solnit explora outros temas como patriarcado, misoginia, violência doméstica, homofobia, acompanhada de interlocutores acadêmicos, escritores e ativistas como bell hooks, Betty Friedman, Evan Stark, Susan Sontag, Elena Ferrante, Patrícia Arquete.

Solnit revisita diferentes momentos do movimento feminista e chega ao que chama de “novos feminismos”, que vêm sendo impulsionados por táticas como o uso das mídias digitais para quebrar o silêncio construído em torno de certas questões e gerar um potente engajamento.

O silêncio e a vergonha são contagiosos; a coragem e a fala também. Mesmo agora, quando as mulheres começam a falar de suas experiências, vêm outras em apoio e partilham as suas próprias. Derruba-se um tijolo, depois outro; a represa rompe, as águas de precipitam. (Solnit, 2017: p. 80)

No ensaio *Um ano de insurreição*, a autora identifica o ano de 2014 como um marco da insurreição feminina contra o que ela chama de “epidemia de violência contra as mulheres”, referindo-se à alta incidência de estupros, assassinatos, espancamentos, assédios nas ruas e ameaças on-line em seu país. Naquele período, hashtags feministas como #yesallwomen, #whyleft e #whystayed ganharam popularidade em sites de redes sociais, como catalizadores de protestos on-line.

Um dos casos mencionados por Solnit conta a história de um estudante secundarista estadunidense de Oklahoma, acusado de estupro por três colegas de escola. As acusações se agravam pelo registro em vídeo e divulgação das violências pelo próprio agressor, exibidas como um troféu. As vítimas de estupro teriam se tornado assim também vítimas de injúrias e humilhações, por zombarias e provocações de colegas. Nem mesmo a direção da escola teria ofertado proteção às garotas. A autora comemora um ponto de virada no caso, quando um colega grava em vídeo as bravatas do acusado e usa o material para sustentar um indiciamento criminal. O movimento por justiça teria motivado a criação de hashtag, #yesalldaughters, levando mais de 1.500 pessoas às ruas reivindicando

providências à escola.

Com o olhar de quem vem acompanhando por décadas o desenrolar de casos de violência contra mulheres, Solnit aponta tendências de mudança na acomodação das relações de poder, apesar de *haters e trolls* misóginos terem ganhado visibilidade na rede mundial de computadores. No ensaio *O feliz caso recente da piada sobre estupros*, a autora avalia que transformações significativas vêm sendo operadas na esfera da cultura: “O jogo virou. O feminismo não ganhou e a guerra para que os direitos humanos básicos de todos sejam respeitados não terminou, mas agora estamos numa temporada vencedora.” (p. 131).

A Parte II do livro, intitulada *Rompe-se a História*, projeta a face historiadora de Solnit em seis ensaios. No texto *Fuga do bairro de 5 milhões de anos*, a autora reivindica a visibilidade para mulheres e crianças nas narrativas antropológicas e historiográficas, contrapondo-se a uma imagem forjada pelo patriarcado das mulheres como “fardos que procriam” (p. 137). A autora critica obras diversas, desde o artigo *The origin of man*, de C. Owen Lovejoy (1981), anatomista e pesquisador sobre a evolução humana, até *A condição humana*, da filósofa Hannah Arendt (2001/1958), acusada por Solnit de não ter resistido à comparação entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher.

Solnit volta ao tema do silenciamento feminino também nessa segunda parte do livro à medida que destaca as lacunas de vozes femininas nas narrativas dominantes. E, quando essas vozes foram audíveis, ela nos mostra como a interpretação de seus discursos foram distorcidos para reforçar a ordem patriarcal. Esse controle da expressividade feminina estaria diretamente relacionado ao controle de sua sexualidade, da produtividade laboral, do acesso à educação.

A mãe de todas as perguntas é também um manifesto por sua clara intenção de defender uma causa: a luta feminina contra a violência masculina. O valor da obra está na coleção de notícias alentadoras que Solnit apresenta sobre essas batalhas, especialmente no contexto estadunidense, por revisitar temas e conquistas importantes do feminismo e por indicar novos desafios dos movimentos de mulheres. Sua avaliação do fortalecimento dos novos feminismos e formas de ativismo contra as violências de gênero nos Estados Unidos contribui para o entendimento das transformações que já se observam no cenário brasileiro (ainda que timidamente) no que tange à atuação crescente de mulheres e coletivos feministas que rompem o silêncio contra o sexismo. O livro é um bom começo para quem ainda desconhece (ou teme) o feminismo ou o associa simplesmente a uma questão de e para mulheres. O tom é de esperança.

Referências

Arendt, H. (2001). *A condição humana*. (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária (original publicado em 1958).

Conselho Nacional de Justiça. *CNJ divulga dados do Judiciário sobre violência contra a mulher*. Recuperado de 20 de outubro, 2017, de <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/85640-cnj-publica-dados-sobre-violencia-contra-a-mulher-no-judiciario>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2016). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016*. Recuperado em 20 de outubro, 2017, de http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf

Lovejoy, C. O. (1981). The origin of man. *Science, New Series*, 211(4480), 341-350. Solnit, R. (2017). *A mãe todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos* (D. Bottmann, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras (Original publicado em 2015).

Solnit, R. (2004). *Hope in the dark: The never-surrender guide to changing the world*. New York: Nation Books.

Solnit, R. (2017). *Os homens explicam tudo para mim*. (I.M. Lando, Trad.) São Paulo: Cultrix (Original publicado em 2014).

RECEBIDO EM: 01/11/2017

PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 11/12/2017

VERSÃO FINAL: 15/12/2017

APROVADO EM: 18/12/2017